

Viagens raras
para quem busca
o extraordinário

nômade⁹

Ano 1 • Edição 1 • Verão • Março 2026 • R\$ 25,00

Sul

VALE DOS VINHEDOS E CAMBARÁ DO SUL

A SERRA GAÚCHA SE REVELA
ENTRE VINHEDOS E CÂNIONS

NORDESTE

CHAPADA DO ARARIPE

UMA IMERSÃO NO
CARIRI CEARENSE

NORTE

ALTER DO CHÃO

O SEGREDO MAIS LUMINOSO
DA AMAZÔNIA PARAENSE

+ CIRCUITO LITORAL NORTE SUDESTE

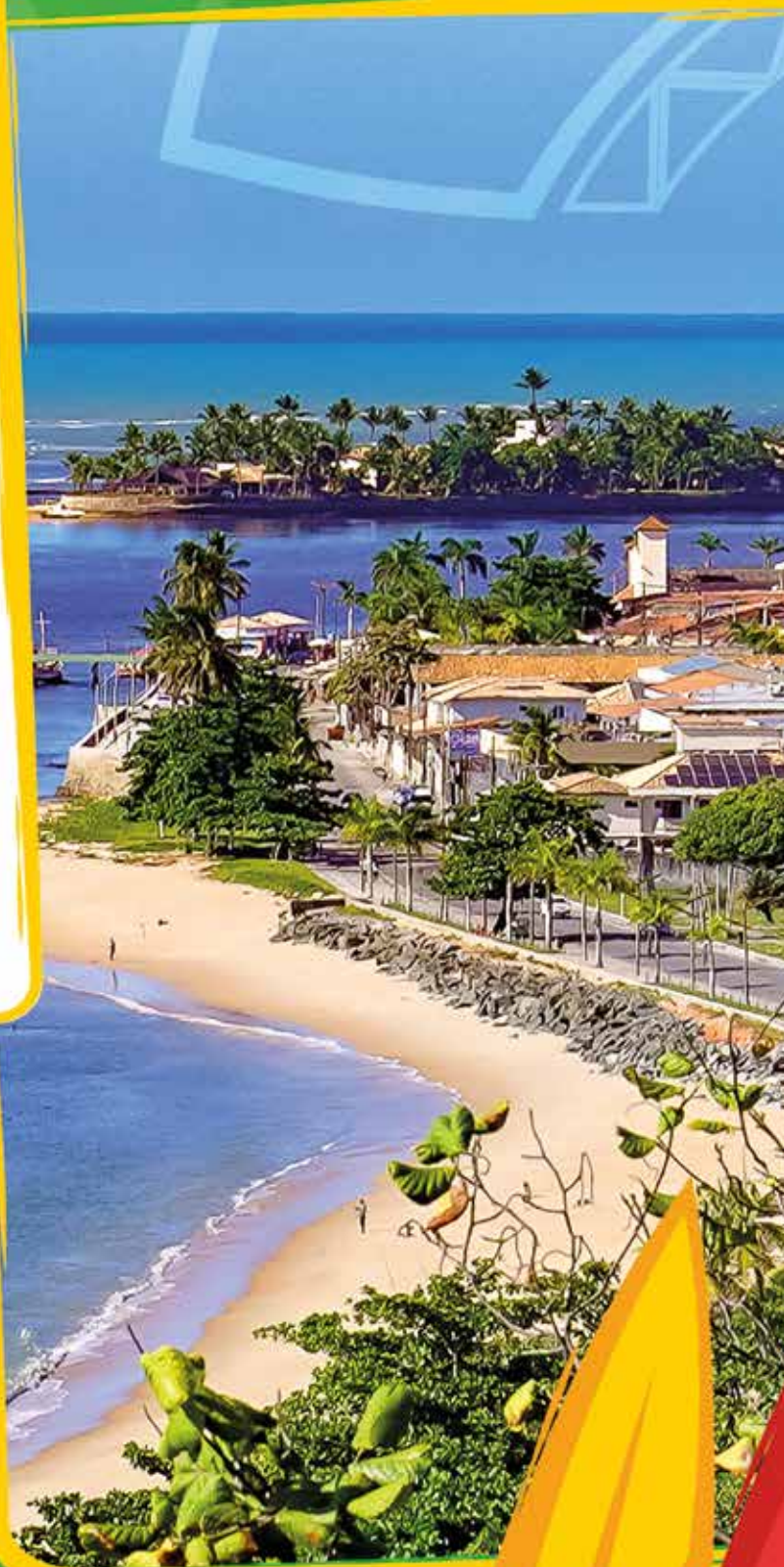
Cinco cidades, uma estrada e o mar como
destino permanente em São Paulo



II Encontro Febtur PORTO SEGURO 12 A 17 DE MAIO

Quem comunica turismo com propósito não pode ficar de fora.

Porto Seguro recebe cerca de 130 jornalistas de turismo do Brasil e do exterior para vivenciar e divulgar os atrativos do destino. A ação, com participação da Prefeitura e apoio do trade local, fortalece a comunicação estratégica e a imagem do destino nos principais mercados emissores.



editorial / índice.

NASCE A NÔMADE

Uma revista para atravessar o Brasil com tempo, rigor e pertencimento

Toda revista nasce de uma ausência. A NÔMADE nasce da ausência de uma publicação que percorra o Brasil com continuidade, com olhar atento e respeito ao território. Não como vitrine, mas como travessia. Não como catálogo de mercado, mas como interpretação de um país que se move.

O turismo brasileiro nunca esteve tão vivo. Em 2025, o país recebeu mais de 9,3 milhões de visitantes internacionais, o maior número já registrado. O turismo doméstico segue em expansão, com milhões de brasileiros atravessando o próprio território em busca de paisagens que sempre estiveram ali, à espera de um olhar mais atento. O Brasil voltou a viajar — e voltou a ser viajado.

Mas o crescimento de um setor não se mede apenas em números. Ele se mede na qualidade da narrativa que o acompanha.

É nesse ponto que a NÔMADE encontra seu sentido.

Criada pelo Grupo Gazeta Popular, em parceria com a KOCMOC New Future Entertainment, a revista nasce com um compromisso claro: construir uma cartografia contemporânea do turismo brasileiro, com rigor editorial, apuração própria e uma linguagem que respeite o tempo do leitor e a integridade dos lugares.

O Brasil é um país que exige deslocamento. Não se revela em síntese, mas em percurso.

Cada região possui sua própria lógica, sua própria luz, sua própria forma de permanência.

O litoral não explica o interior. A serra não explica o sertão. A floresta não explica o cerrado. É preciso atravessar.

A NÔMADE nasce para acompanhar esse movimento.

Cada edição será construída como uma sequência de rotas possíveis. Estradas que conectam cidades, territórios que se organizam em torno da paisagem, destinos que preservam uma relação autêntica com sua própria geografia.

O leitor encontrará roteiros que podem ser percorridos, experiências que podem ser vividas e lugares que existem para além da imagem.

Não se trata de acelerar o desejo de viajar, mas de qualificá-lo.

A revista nasce também de uma convicção: o turismo brasileiro deixou de ser promessa.

Tornou-se estrutura. Move economias locais, preserva patrimônios culturais, sustenta comunidades e redefine a maneira como o país é percebido, dentro e fora de suas fronteiras.

A NÔMADE existe para registrar esse momento com clareza.

Ela é uma revista feita para permanecer. Para ser consultada antes da partida e lembrada depois do retorno. Para circular entre aeroportos e mesas de trabalho, entre malas abertas e estantes organizadas. Para acompanhar o leitor onde quer que ele esteja — e, sobretudo, para levá-lo a lugares onde ainda não esteve.

O Brasil é um território em constante descoberta.

Esta revista nasce para percorrê-lo.



04. NORDESTE

Uma imersão no Cariri cearense



08. NORTE

O segredo mais luminoso da Amazônia paraense



12. SUDESTE

Cinco cidades, uma estrada e o mar como destino permanente em SP



16. SUL

A Serra Gaúcha se revela entre vinhedos e cânions



/expediente.

- Grupo Gazeta Popular / Diretor Presidente: Douglas Spada
- Kocmoc New Future Entertainment / CEO: Fabrício Correia

- E-mail: jornal@gazetapopularoficial.com.br
- Fale Conosco: (11) 99634-4848

- Jornalista Responsável: Jácomo - MTB 36.03
- Business Sucess: Josy Spada
- Projetos editoriais e eventos: Lutero Jacob, Samuel Sadoc e Asaf Zadoque Correia

/nordeste

chapada /do araripe.

Uma imersão no
Cariri cearense



Existe um ponto no sul do Ceará onde o sertão se transforma. A paisagem seca, marcada por espinhos e horizontes duros, de repente cede lugar a uma muralha verde, alta e silenciosa, como se a natureza tivesse decidido guardar ali um segredo. É a Chapada do Araripe, uma formação geológica que redefine o imaginário de quem acredita que o Nordeste é apenas sol e aridez.

Localizada na região do Cariri, na divisa com Pernambuco e Piauí, a Chapada é um território de contrastes e descobertas. Ela não é apenas um destino — é uma travessia sensorial, histórica e cultural que envolve o viajante desde a primeira curva da estrada. Ali, o ar é mais fresco, a luz parece mais nítida e o tempo assume um ritmo próprio.

A Chapada do Araripe não se revela com pressa. Ela convida à permanência.

o milagre verde no coração do semiárido

O primeiro impacto é visual. A vegetação densa surpreende quem chega esperando encontrar apenas a paisagem típica do sertão. A Chapada funciona como uma espécie de ilha ecológica, onde nascentes brotam naturalmente e alimentam rios, fontes e pequenas quedas d'água.

A Floresta Nacional do Araripe, uma das mais antigas unidades de conservação do Brasil, é o coração desse sistema natural. Trilhas bem definidas conduzem o visitante por áreas de mata preservada, onde é possível observar árvores centenárias, ouvir o canto constante das aves e sentir a temperatura cair gradualmente à medida que se avança.

É um ambiente ideal para caminhadas, contemplação e observação da natureza. O silêncio ali não é vazio — é presença.

Nas encostas, fontes naturais abastecem cidades como Crato e Barbalha, criando uma relação íntima entre a chapada e a vida urbana ao seu redor. A água que nasce ali sustenta não apenas o ecossistema, mas toda uma civilização regional..

Crato, Juazeiro e Barbalha: o triângulo cultural do Cariri

Explorar a Chapada do Araripe é também descobrir as cidades que vivem sob sua proteção.

O Crato é considerado a porta de entrada natural da chapada. Com ruas arborizadas, clima ameno e atmosfera acolhedora, a cidade combina tradição e vida cultural ativa. Cafés, praças e pequenos comércios revelam um cotidiano tranquilo, onde o visitante rapidamente se sente parte do lugar.

Juazeiro do Norte é o grande polo urbano da região. Conhecida nacionalmente por sua importância religiosa, recebe milhares de visitantes todos os anos. No alto da Colina do Horto, a estátua de Padre Cícero observa a cidade e oferece uma das vistas mais impressionantes do Cariri. Do mirante, é possível compreender a dimensão da chapada e sua influência sobre toda a região.

Barbalha, por sua vez, preserva um ritmo mais lento. Suas ruas, casarões históricos e tradições populares criam uma atmosfera que remete a um Brasil mais antigo, mais próximo de suas raízes.

o Cariri é uma
síntese rara de
natureza e cultura



Geopark Araripe: uma viagem ao passado do planeta

Um dos aspectos mais fascinantes da Chapada do Araripe é sua importância geológica. A região abriga um dos mais relevantes sítios fossilíferos do mundo. Peixes, plantas e insetos preservados em pedra contam a história de um período em que aquela área era coberta por água.

O Geopark Araripe, reconhecido internacionalmente, reúne diversos geossítios que podem ser visitados. O Museu de Paleontologia, em Santana do Cariri, é parada obrigatória. Ali, o visitante entra em contato direto com vestígios de milhões de anos, compreendendo que aquela paisagem é resultado de transformações profundas e contínuas.

é o tipo de
turismo que
amplia o olhar.
casa pedra ali
carrega uma memória



Mirantes, estradas e o espetáculo do horizonte

Percorrer as estradas que cruzam a chapada é uma experiência em si. As curvas revelam mirantes naturais de onde é possível observar o Cariri em toda sua extensão. O contraste entre o verde da serra e o sertão ao redor cria um cenário único no Brasil.

O pôr do sol é um dos momentos mais especiais. A luz dourada transforma a paisagem e revela contornos que passam despercebidos durante o dia. O horizonte parece infinito.

é o tipo de
experiência que
não exige pressa,
nem roteiro rígido.



Quando ir e como chegar

A Chapada do Araripe pode ser visitada durante todo o ano, mas os meses entre março e agosto oferecem temperaturas mais amenas e vegetação mais exuberante.

O principal acesso é pelo Aeroporto de Juazeiro do Norte, que recebe voos regulares de diversas capitais brasileiras. A partir daí, Crato e Barbalha estão a poucos minutos de carro.

A melhor forma de explorar a região é com calma, dedicando pelo menos três a cinco dias para conhecer os principais pontos e permitir que a experiência aconteça sem pressa.

Um destino que permanece

A Chapada do Araripe não é um destino de turismo convencional. Não se trata apenas de visitar um lugar, mas de experimentar uma região que preserva sua identidade com autenticidade rara.

Entre trilhas, mirantes, cidades históricas e paisagens que surpreendem, o Cariri revela uma face do Brasil ainda pouco explorada, onde natureza e cultura coexistem em equilíbrio.

Quem chega pela primeira vez dificilmente esquece. Porque a Chapada do Araripe não é apenas um lugar no mapa. É uma descoberta.

/norte

alter do /chão

■ O segredo mais luminoso da Amazônia paraense

Durante séculos, a Amazônia foi imaginada como um território inacessível, um espaço distante onde a natureza se impunha de forma absoluta. Alter do Chão, no oeste do Pará, desmonta esse imaginário com delicadeza. Ali, o rio é transparente, a areia é branca e o horizonte se abre como um convite. Não há sensação de isolamento, mas de descoberta — como se o viajante estivesse chegando a um lugar que sempre existiu, mas que poucos aprenderam a ver.

Localizada a cerca de 40 quilômetros de Santarém, às margens do Rio Tapajós, Alter do Chão é uma vila que combina paisagens de impacto com uma atmosfera humana e acolhedora. O ritmo é desacelerado. O tempo é medido pela luz que muda sobre o rio, pelo movimento das canoas, pelo silêncio que se instala no fim da tarde.

Alter do Chão não é um destino que se consome.

é um lugar
que se habita,
ainda que por
poucos dias

/norte

O encontro com o Tapajós

O Tapajós é o grande protagonista da experiência. Diferente de outros rios amazônicos, suas águas são claras e refletem o céu com precisão. Durante o período de seca, entre agosto e dezembro, surgem praias extensas que transformam o cenário. A mais emblemática é a Ilha do Amor, uma faixa de areia branca que se projeta sobre o rio, acessível por pequenas embarcações. Ali, o visitante caminha sobre areia fina enquanto observa a floresta ao redor. Não há construções imponentes nem interferências excessivas. O ambiente permanece essencialmente intacto. Os passeios de barco revelam outras dimensões da região. O rio não é apenas uma paisagem — é um sistema vivo que conecta comunidades, histórias e modos de vida. Navegar pelo Tapajós é compreender a Amazônia em sua escala real.

Experiências que aproximam o viajante da Amazônia viva

Os roteiros organizados na região priorizam o contato com o território e seus habitantes. Visitas a comunidades ribeirinhas permitem observar o cotidiano de quem vive em relação direta com o rio e a floresta. Casas simples, construídas em madeira, revelam uma arquitetura adaptada ao ambiente. O modo de vida é funcional, preciso e profundamente integrado à natureza. Caminhadas guiadas pela floresta apresentam espécies vegetais, árvores centenárias e os conhecimentos tradicionais associados a elas. Não se trata apenas de observar, mas de compreender. A culinária é parte fundamental dessa experiência. Peixes frescos, preparados com técnicas locais, frutas nativas e ingredientes colhidos diretamente da floresta compõem refeições que expressam o território. Comer em Alter do Chão é participar de uma cadeia viva que começa no rio e termina à mesa.

Turismo com responsabilidade e pertencimento

O turismo em Alter do Chão é conduzido com uma consciência clara de preservação. Os roteiros valorizam a economia local e fortalecem as comunidades. Guias são moradores da própria região. Serviços e experiências são construídos com base na participação direta de quem vive ali. Esse modelo cria uma relação diferente entre visitante e destino. Não há sensação de consumo, mas de troca. A presença do viajante passa a ter significado concreto: gera renda, incentiva a preservação e contribui para a continuidade de modos de vida tradicionais.



A vila e seus dias lentos

Alter do Chão é uma vila pequena. Suas ruas são caminháveis. Restaurantes, pousadas e pequenas lojas coexistem sem romper a escala do lugar. Não há pressa. O visitante rapidamente se adapta ao ritmo local.

O fim da tarde é um ritual coletivo. Moradores e viajantes se dirigem às margens do rio para observar o pôr do sol. A luz diminui lentamente, refletindo na água e criando uma transição suave entre o dia e a noite.

Não é um espetáculo produzido.

é um acontecimento natural que se repete diariamente

Como chegar e quando ir

Alter do Chão é acessível a partir de Santarém, cidade conectada por voos regulares a Belém, Manaus e Brasília. O trajeto entre Santarém e a vila leva cerca de 40 minutos por estrada.

O período mais procurado é o chamado “verão amazônico”, entre agosto e dezembro, quando o nível do rio diminui e surgem as praias de areia branca. Entre janeiro e julho, com o rio cheio, o cenário se transforma. A floresta parece mais próxima, e os passeios fluviais revelam outros percursos.

Não existe uma única estação ideal.

cada período revela uma Amazônia diferente

Um destino que transforma a percepção

Alter do Chão oferece algo raro: a possibilidade de vivenciar a Amazônia de forma acessível, autêntica e profunda. Não como espectador distante, mas como participante temporário de um território vivo.

Ao final da viagem, o visitante compreende que não conheceu apenas um lugar. Conheceu uma forma de existência moldada pela água, pela floresta e pelo tempo natural das coisas.

Alter do Chão permanece na memória não pela intensidade, mas pela clareza.

isso é o que o torna inesquecível



O litoral norte de São Paulo começa na descida. A serra se fecha em torno da estrada, a vegetação se torna mais densa e o ar assume outra textura. O calor chega antes do mar, e com ele uma sensação de deslocamento gradual. Quando o azul finalmente aparece, ele não surpreende. Ele confirma.

Entre Bertioga e Ubatuba, o litoral se constrói como um percurso contínuo, onde cada cidade preserva sua própria escala e sua própria maneira de existir diante do oceano. A Mata Atlântica permanece presente em todo o trajeto, descendo pelas encostas até encontrar a areia. Não há transição brusca. Apenas continuidade.

o circuito é menos sobre chegar e mais sobre percorrer

A estrada acompanha o contorno da costa como se seguisse uma lógica antiga, anterior ao asfalto, respeitando a geografia que sempre esteve ali.

circuito / litoral norte.

Cinco cidades, uma estrada e o mar como destino permanente

Bertioga
onde o litoral
começa em
silêncio

Bertioga marca o início do litoral norte com discrição. A paisagem se apresenta de forma direta, sem excessos. As praias são amplas, abertas, e a vegetação ainda domina grandes extensões.

O Forte São João permanece voltado para o canal, lembrando que o litoral já foi fronteira e proteção. Ao redor, a cidade se expandiu sem apagar completamente os sinais desse passado.

Em Guaratuba, o mar encontra o rio e a vegetação permanece intacta nas margens. O som é constante e uniforme. Não há interferência abrupta.

Bertioga estabelece o ritmo do percurso. Um ritmo que será mantido, com variações, ao longo de todo o circuito.

São Sebastião, o equilíbrio entre permanência e movimento

São Sebastião se organiza em torno do canal. O mar está sempre presente, visível entre construções antigas e ruas que mantêm o traçado original. O centro histórico permanece voltado para a água, como se continuasse dependente dela.

Ao longo da costa, praias como Juquehy e Maresias apresentam outra escala. O mar se abre com mais intensidade, e o horizonte assume maior presença.

A cidade se expande, mas a geografia impõe limites claros. A serra permanece próxima. O mar permanece dominante.

são sebastião existe entre esses dois elementos, sem que um anule o outro

Ilhabela, o território preservado entre o canal e o oceano

Ilhabela se separa do continente por poucos minutos de travessia, mas a mudança é perceptível. A vegetação se torna mais contínua. A ocupação urbana diminui. O território permanece amplamente preservado.

Grande parte da ilha é coberta por Mata Atlântica. As praias surgem como aberturas naturais entre a vegetação e o mar.

Castelhanos permanece isolada o suficiente para preservar sua integridade. A extensão da praia se projeta diante do oceano aberto, cercada por montanhas e floresta.

ilhabela não se revela completamente. ela permanece em reserva



Caraguatatuba, a amplitude tranquila do litoral

Caraguatatuba se distingue pela abertura. A linha da costa se alonga, contínua, permitindo que o olhar percorra distâncias maiores sem interrupção. O mar permanece presente em toda a extensão da cidade.

Martim de Sá concentra o movimento cotidiano, com sua faixa de areia regular e o mar estável. O espaço é amplo, permitindo permanência sem confinamento.

Mais adiante, Cocanha apresenta águas calmas e uma paisagem estável, com a Ilha do Tamandúá posicionada diante da praia como referência permanente.

caraguatatuba não se impõe pela intensidade, mas pela constância

Ubatuba, onde o litoral permanece intacto

Ubatuba encerra o circuito com maior densidade natural. A Mata Atlântica permanece dominante, e as praias surgem entre encostas cobertas por vegetação contínua.

Itamambuca mantém sua integridade. O rio encontra o mar sem interferências visuais, e a praia se estende diante de uma paisagem que permanece inalterada. Félix e Almada preservam águas claras e acesso controlado pela própria geografia. O território estabelece seus próprios limites.

ubatuba, não encerra o percurso. ela o dissolve



O litoral como continuidade

O circuito do litoral norte paulista não se define por um único ponto ou por uma única cidade. Ele existe na transição entre elas, na estrada que acompanha o contorno da costa, na presença contínua da serra e do mar.

Cada trecho acrescenta uma variação à paisagem, mas a estrutura permanece a mesma: vegetação, areia, água e horizonte.

Ao final do percurso, permanece a sensação de que o litoral não foi atravessado. Foi acompanhado.



vale dos vinhedos /e cambará

Entre vinhedos e cânions,
a Serra Gaúcha revela duas
paisagens que não se repetem

A Serra Gaúcha muda de caráter conforme a estrada avança. Em poucos quilômetros, o território deixa de ser urbano e se transforma em uma sucessão de colinas cobertas por vinhedos organizados com precisão. O Vale dos Vinhedos não é apenas uma região produtora. É um território construído sobre memória, onde cada fileira de videiras preserva um gesto repetido ao longo de gerações.

A partir de Gramado, o deslocamento até Bento Gonçalves revela essa transição gradual. A RS-235 acompanha o relevo sinuoso da serra, atravessando pequenas cidades, campos abertos e áreas rurais onde o ritmo é determinado pelas estações.

Ao chegar, a paisagem se organiza em torno das vinhas.

não há pressa.
o vale se revela
em sequência,
não em síntese



/sul

Bento Gonçalves, o centro de uma tradição preservada

Bento Gonçalves funciona como ponto de partida natural para explorar o Vale dos Vinhedos. A cidade cresceu em torno da produção vinícola e mantém uma relação direta com essa atividade. O vinho não é elemento decorativo. É estrutura econômica e cultural.

As vinícolas se distribuem ao longo de estradas estreitas, acompanhando o relevo das colinas. Algumas se apresentam com maior escala, com edifícios amplos e áreas de visitação organizadas. Outras permanecem menores, integradas à paisagem de forma discreta.

Na Casa Valduga, a produção assume dimensão arquitetônica, com estruturas que acompanham o declive natural do terreno. Já na Dom Laurindo, o ambiente é mais contido, e o visitante percorre espaços onde o processo permanece visível em cada detalhe.

A experiência não se limita à degustação. Ela inclui o deslocamento, a observação da paisagem e o entendimento do território.

O vinho ali não é apenas resultado. É processo contínuo.

Caminhos de Pedra, onde a paisagem preserva a origem

Os Caminhos de Pedra revelam outra dimensão da Serra Gaúcha. Ao percorrer essa rota, o visitante encontra construções erguidas pelos primeiros imigrantes italianos que chegaram à região no final do século XIX.

As casas, construídas em pedra basáltica, permanecem intactas, integradas ao ambiente rural. Não há reconstrução artificial. O território preserva sua própria continuidade.

Pequenas propriedades produzem alimentos, vinhos e produtos artesanais seguindo métodos tradicionais. O percurso é feito em ritmo lento, acompanhando a topografia e o silêncio das áreas rurais.

Cada curva revela uma nova perspectiva. Cada parada acrescenta uma camada à experiência.

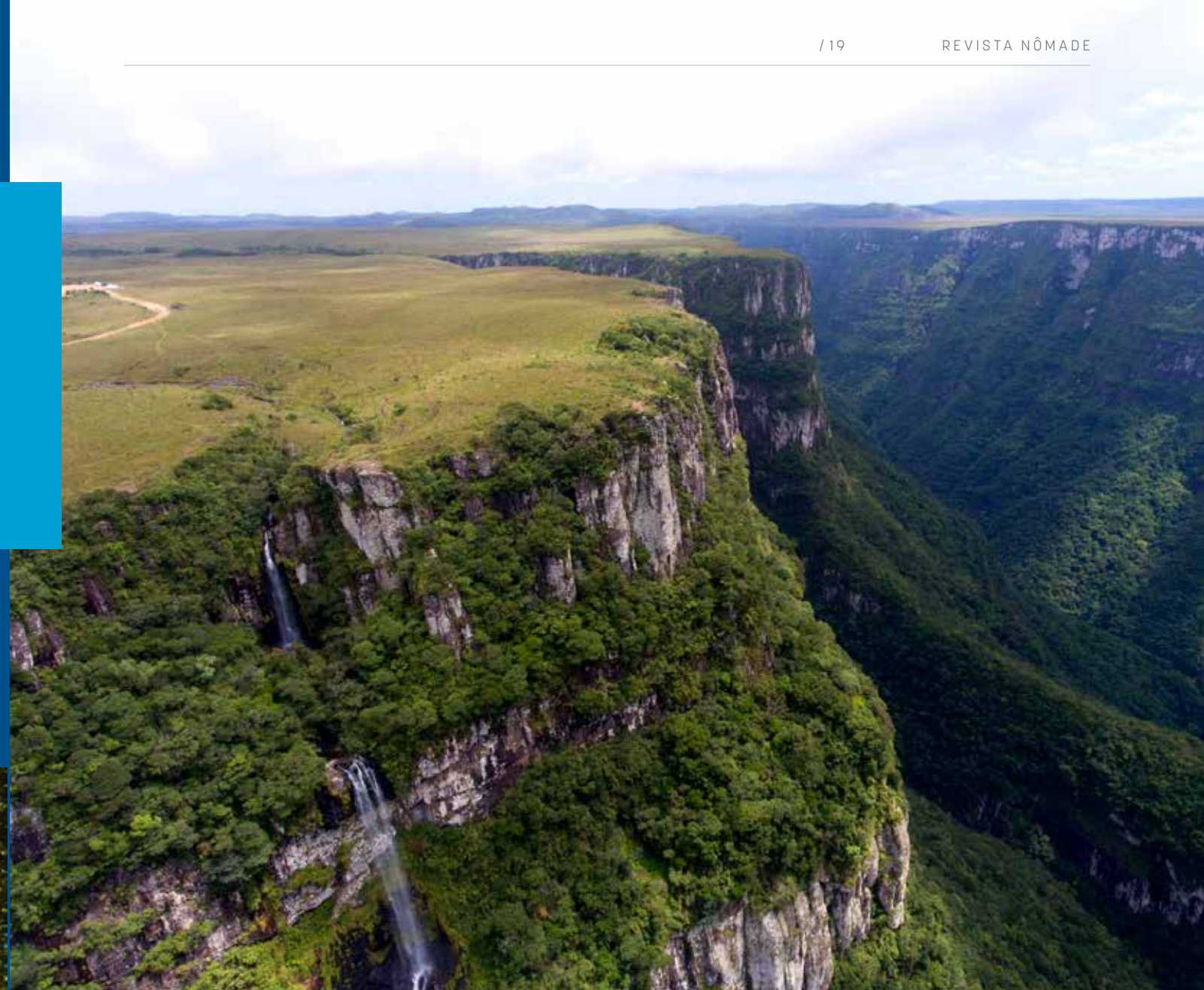
O Caminhos de Pedra não é um roteiro turístico convencional. É uma travessia histórica.

Cambará do Sul

Onde a terra se abre e revela o vazio como paisagem. A transição entre o Vale dos Vinhedos e Cambará do Sul é mais do que geográfica. É visual. A paisagem deixa de ser construída pelo homem e passa a ser definida pela própria escala da natureza.

A estrada segue em direção aos campos de altitude, onde o relevo se torna mais aberto e o horizonte mais amplo. Cambará do Sul permanece pequena, organizada em torno de poucas ruas e uma estrutura urbana discreta.

o destino final
não é a cidade.
são os cânions



Aparados da Serra, onde o território revela sua dimensão original

O Parque Nacional Aparados da Serra abriga algumas das formações geológicas mais impressionantes do sul do Brasil. O Cânion Itaimbezinho se abre na paisagem como uma ruptura precisa, com paredes verticais que se estendem por quilômetros.

Ao caminhar pelas trilhas, o visitante acompanha a borda do cânion sem interferências visuais. A profundidade é percebida não apenas pela visão, mas pelo silêncio que se estabelece ao redor.

O Cânion Fortaleza apresenta outra escala. Mais amplo, ele revela a extensão do território e a continuidade da formação geológica.

Não há construções. Não há ruído urbano.

A paisagem permanece em estado essencial.

Entre vinhedos e cânions, duas formas de permanência

O Vale dos Vinhedos e Cambará do Sul representam duas formas distintas de ocupação da paisagem. No primeiro, o território foi moldado pelo trabalho humano ao longo de gerações. No segundo, ele permanece definido por forças geológicas que antecedem qualquer presença.

O deslocamento entre esses dois pontos revela a diversidade da Serra Gaúcha.

Em poucos dias, o viajante percorre colinas cultivadas e bordas de cânions, estradas rurais e campos abertos, territórios construídos e territórios preservados.

A experiência não se encerra em um único lugar.

ela permanece na
transição entre eles



Rodrigo Chaguri,
médico. Nova York,
Estados Unidos, 2025.



Pablo Vittar,
cantora. Amsterdã,
Holanda, 2024.



Mônica Monteiro,
advogada e empresária.
Fondation Azzedine Alaïa,
Paris, França, 2026.



Monique Alfradique, atriz.
Rainer Cadete, ator.
Rio de Janeiro, 2025



Fafá de Belém,
cantor. Santa Sé,
Vaticano, 2025.



Serginho Groissman,
jornalista e
apresentador.
Orlando, Estados
Unidos, 2025.



Vera Magalhães,
jornalista. Leblon,
Rio de Janeiro,
2026.

Rodrigo Cabrera Gonzales,
advogado e escritor. Ilha de
Comandatuba, Bahia, 2025.



Pedro Sampaio,
DJ e cantor. Las Vegas,
Estados Unidos, 2025.



Fabício Correia,
apresentador e escritor.
Copacabana Palace,
Rio de Janeiro, 2026.

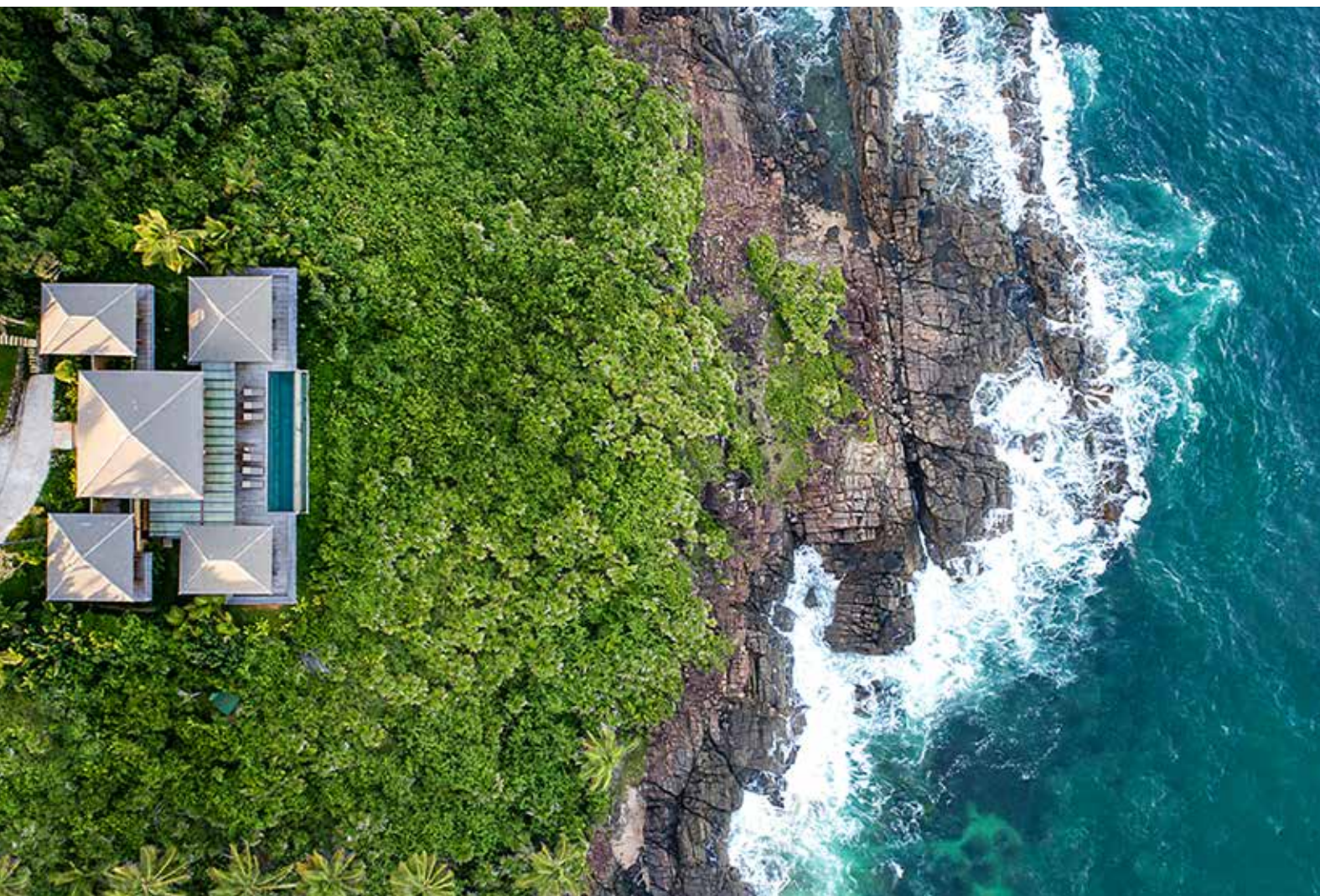


VIAGENS
INESQUECÍVEIS

refúgios

barracuda hotel / & villas (itacaré).

Um refúgio de design onde a
Bahia vira horizonte



O Barracuda Hotel & Villas ocupa um ponto raro de Itacaré: no alto da costa rochosa junto à Praia do Resende, entre a Mata Atlântica e o Atlântico aberto. A sensação, desde a chegada, é de mirante natural — palmeiras no enquadramento, céu enorme, mar embaixo, silêncio por todos os lados.

O que o distingue não é o “efeito Instagram”, e sim a disciplina. A arquitetura trabalha com linhas limpas, volumes baixos, materiais quentes e aberturas generosas, como quem entende que o luxo, ali, não precisa aparecer: precisa funcionar. O próprio hotel define a proposta como integração total com a mata nativa, com 17 suítes pensadas para luz natural e brisa do mar entrarem como parte do projeto — não como adereço.

A experiência se organiza em dois registros. No edifício principal, as suítes entregam a Itacaré mais essencial: varanda, horizonte, o som constante das ondas. Nas villas, o hotel muda de chave e vira “casa com serviço”: living room, cozinha integrada, varanda panorâmica e piscina de borda infinita, com a vegetação servindo de moldura e privacidade real, obtida mais pela implantação no terreno do que por barreiras artificiais.

O Barracuda acerta também no clima interno, aquele detalhe que separa hotel bem desenhado de hotel memorável. O restaurante e o bar funcionam como extensão da sala de estar — vinhos e livros perto, cozinha e coquetelaria sem pose — e a proposta gastronômica combina repertório baiano com uma leitura contemporânea, ancorada em ingredientes frescos do dia.

Talvez o elogio mais justo seja este: o Barracuda não tenta “domar” Itacaré. Ele entrega base, silêncio, serviço e estética com precisão, e deixa o destino fazer o resto. Não por acaso, aparece na seleção de hotéis do Guia MICHELIN, descrito como alternativa sofisticada às pousadas tradicionais da região, com piscina infinita e terraços voltados para mar, céu e mata.





RELÓGIO **BULOVA**
RUBAIYAT FEMININO
COURO RODA
R\$ 10.990



TÊNIS **NIKE** AIR ZOOM
ALPHAFLY 3 MASCULINO
R\$ 2.374,99

GUARDA-CHUVA
COM PADRONAGEM
MOSCHINO
R\$ 627,



IPHONE POCKET
APPLE
R\$ 1.180



PRINTED SILK TWILL
REGULAR SHIRT
VERSACE
R\$ 8.900



BOLSA KEEPALL
BANDOULIÈRE 45
LOUIS VUITTON
R\$ 31.500



MOCHILA GRANDE
SARTORIAL **MONTBLANC**
R\$ 13.100



CAMISA ESTAMPADA
FLORAL LINA **FARM**
R\$ 318,40

Noronha

o destino mais desejado do Brasil.

Quer viver
as **maiores**
experiências
da sua vida
em **Fernando**
de Noronha?

Acesse:



/vetor

O secretário que transformou São Paulo em porta de entrada e ponto de partida para o turismo mundial

roberto /de lucena.



São Paulo sempre foi a cidade do “chegar”: aeroporto como ante-sala do país, hotéis cheios de negócios, uma agenda cultural que não pede licença para existir. Nos últimos anos, porém, o estado começou a disputar outra condição, a de destino completo, com praias, serras, estâncias, rotas gastronômicas, parques e cidades históricas trabalhando como um sistema. Esse tipo de mudança não acontece por acaso. Ela exige método, capilaridade e uma leitura moderna do turismo como política pública. É nesse lugar, menos ruidoso e mais determinante, que Roberto de Lucena se tornou personagem central.

Lucena ocupa a Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo, com trajetória consolidada na vida pública e passagem por mandatos legislativos e uma experiência anterior no cargo durante o governo de Geraldo Alckmin. O dado, por si, explica pouco. O que interessa é como ele vem exercendo o cargo no governo Tarcísio de Freitas: não como vitrine de seus feitos, mas como engrenagem prioritária para o turismo no Brasil.

Os números ajudam a dimensionar o momento. Em 2025, São Paulo se consolidou como principal portão de entrada do Brasil para estrangeiros, com 2.753.869 turistas internacionais e crescimento de 21% em relação a 2024, segundo a Embratur.

Na capital, o ano fechou com 47,2 milhões de turistas (somando brasileiros e estrangeiros), recorde histórico, de acordo com a Prefeitura de São Paulo. No estado, a projeção de fluxo total em 2025 chegou a 51,5 milhões de visitantes, segundo a Agência SP, vinculada ao governo paulista.

Quando esses números crescem, cresce também a tentação de fazer turismo virar apenas campanha. O que diferencia a atuação de Lucena e explica por que ele vira pauta recorrente no trade, é o esforço em organizar o turismo como infraestrutura: obra, qualificação, promoção e regionalização andando juntos. A leitura é pragmática: destino não se sustenta só com foto bonita; precisa de estrada, sinalização, equipamentos, calendário, capacitação, governança.

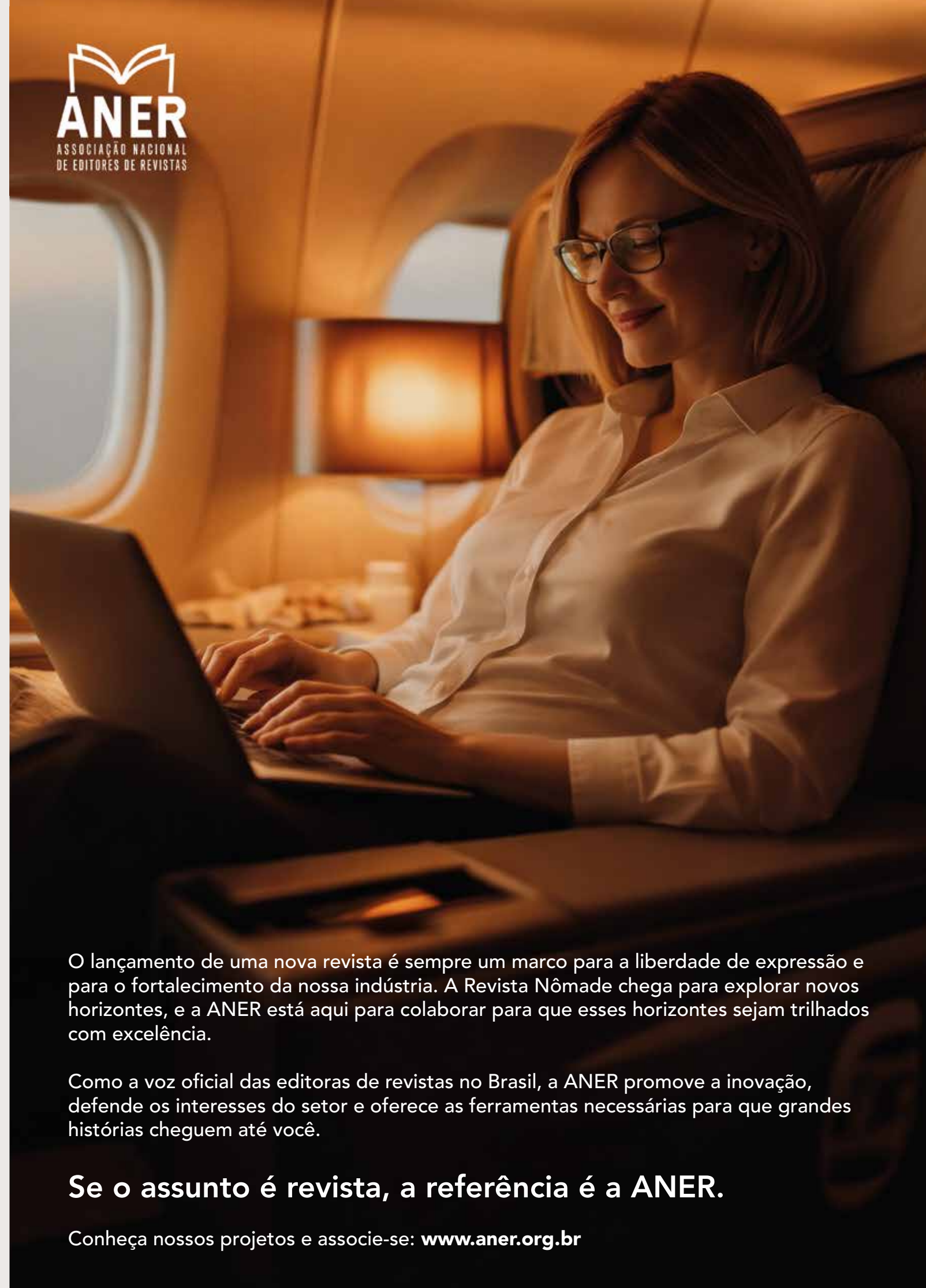
Esse desenho aparece de forma concreta na política paulista de Estâncias Turísticas e Municípios de Interesse Turístico, uma máquina de descentralização que, quando bem conduzida, espalha investimento e profissionalização para além da capital. Em novembro de 2025, a própria Secretaria comunicou a ampliação do número de Estâncias Turísticas para 78 e a manutenção de 136 MITs, com acesso a recursos para obras e melhorias. É o tipo de pauta que raramente ganha aplauso imediato, mas muda o mapa real do turismo quando sai do papel.

O que chama atenção, nesse conjunto, é o estilo: Lucena atua como quem entende que turismo é rede. E rede não aceita solução única. Um estado com litoral, serra, interior rural, metrópole e fronteiras culturais tão diferentes precisa de políticas que sejam, ao mesmo tempo, centralizadas no planejamento e descentralizadas na execução. Essa é a costura.

No fim, o perfil que se desenha não é o do secretário que “vende São Paulo” como slogan, mas o do gestor que tenta dar lastro à viagem: ampliar portas de entrada, melhorar a experiência no chão, criar rotas, qualificar gente, destravar obras. Um turismo que se sustenta não no pico do feriado, mas na constância do calendário.

Para uma revista como a NÔMADE, interessam personagens assim: aqueles que não disputam o holofote do destino, mas ajustam a estrutura para que o destino brilhe sozinho. São Paulo, hoje, não é apenas passagem. Para cada vez mais gente, virou começo, meio e fim de viagem.

ANER
ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE EDITORES DE REVISTAS



O lançamento de uma nova revista é sempre um marco para a liberdade de expressão e para o fortalecimento da nossa indústria. A Revista Nômade chega para explorar novos horizontes, e a ANER está aqui para colaborar para que esses horizontes sejam trilhados com excelência.

Como a voz oficial das editoras de revistas no Brasil, a ANER promove a inovação, defende os interesses do setor e oferece as ferramentas necessárias para que grandes histórias cheguem até você.

Se o assunto é revista, a referência é a ANER.

Conheça nossos projetos e associe-se: www.aner.org.br



Venha viver o melhor de



Caraguá tem vida e está te esperando para viver momentos incríveis!

**MAIS DE 40 KM DE PRAIAS
PARADISIÁCAS PARA TODOS OS ESTILOS**

- Do Porto Novo até Tabatinga.
- Praias para todos os gostos: tranquilas, urbanas, familiares e ideais para esportes e lazer.
- Comunidade Caiçara que mantém tradições, como visitas à maior fazenda de mexilhões da região.

PASSEIOS E ROTEIROS TURÍSTICOS

- Roteiros de praia.
- Mergulhos.
- Ecoturismo e trilhas.
- Velas.
- Cultura e gastronomia.

**75% DO TERRITÓRIO ESTÁ INSERIDO
NO PARQUE ESTADUAL SERRA DO
MAR: CENÁRIOS QUE MAIS
PARECEM UM FILME**

- Vasta área de Mata Atlântica.
- Trilhas.
- Rapel nas cachoeiras.
- Voo livre.
- Observação de aves.

TURISMO RELIGIOSO

- Morro de Santo Antônio: um dos principais pontos religiosos.
- Tradicional procissão: todo dia 13.
- Caraguá também é o destino ideal para casamentos e celebrações.

Descubra mais: **caragua.tur.br**